

Tramas Coloniais

Episódio 7 - É possível lembrar de outro jeito?

Transcrição

[INÍCIO DO EPISÓDIO]

[CONVERSA ENTRE RAQUEL E GABI NO ESTÚDIO]

- Som de passos no estúdio.

- Gabi: Tá bem.

- Rodrigo: Se você quiser botar o fone, tranquilo, o que você achar melhor.

- Raquel: Bom, vamos lá, último dia de gravação...

- Danny: Preciso ajeitar teu microfone.

- Raquel: Tá. Colocar os fones.

- Danny: Pronto.

- Raquel: Obrigada. Vamos lá. Eu sou a Raquel Sirotti - a essa altura acho que você já ouviu bastante a minha voz. E eu tô aqui com a Gabriela Montoni. Oi, Gabi.

- Oi, Raquel. Oi, gente.

- É, ao longo dos episódios a gente usou bastante esses microfones, né?

- Gabi: [risos]

- Raquel: A gente falou sobre ciência, arte, direito, arquitetura, governo, vários aspectos do colonialismo. Sobre como essas normatividades que definiram um certo modo de pensar e de ver o mundo, como elas tão aí até hoje.

- Gabi: Sim.

- Raquel: E deu pra perceber que esse não foi um processo linear e muito menos de mão única. Teve violência, teve imposição, teve repressão, mas também teve resistência, estratégia, negociação, criação. Enfim, a história da colonização na África é complexa, ela é cheia de idas e vindas. É muita coisa pra essas poucas horas que a gente atravessou aqui nos episódios, né, Gabi?

- Gabi: Sim. E você lembra que lá no começo a gente fez uma pergunta, que foi até o título do episódio 1, né: O que é colonialismo? Ainda bem que a gente avisou que a resposta não era simples.

- Raquel: Pois é, porque essa história não é uma história.

- Gabi: São muitas, né?

- Raquel: É, são muitas. E a gente contou só algumas aqui. E ainda vai contar mais algumas hoje nesse episódio. São exemplos com base nas nossas pesquisas, nos nossos conhecimentos, no que a gente acha importante compartilhar, né?

- Gabi: Sim.

- Raquel: E são histórias que aconteceram há dezenas, algumas delas há centenas de anos atrás. Em alguns lugares que você, que tá ouvindo, talvez não conheça. Mas o que a gente queria reforçar nesse último episódio é que a maneira como a gente escolhe entender e falar sobre o passado também é um jeito de falar sobre o presente e o futuro.

- Gabi: É, e por isso que o tempo todo a gente faz essa ligação com o que tá acontecendo agora. Vira e mexe o episódio puxa um fio pra ligar o que aconteceu no continente africano com o que aconteceu no Brasil, né, e o que continua acontecendo. Eu acho que hoje a gente vai falar bastante de presente e futuro.

- Raquel: É, isso mesmo. Hoje o nosso assunto é a memória, e o que a gente faz e vai fazer com ela. Essa é uma parte crucial do colonialismo, porque a memória define quem a gente é.

- Gabi: Sim.

- Raquel: Dá pra “editar” o passado? Não apagar, não esquecer, não "desviver", mas curar os danos físicos, materiais e emocionais gerados pela colonização? Dá pra fazer os colonizadores pagarem por todos os crimes e violações de direitos humanos que eles cometeram? Dá pra cobrar a dívida do trabalho não pago? E se dá, como é que a gente faz isso?

- Gabi: É, mas é claro que o que foi feito é irreversível, e o que foi perdido é irrecuperável, né?

- Raquel: Sim.

- Gabi: É tão grande a injustiça econômica e estrutural gerada pelo colonialismo que parece impossível uma reparação justa pra compensar essas perdas que tão aí até hoje.

- Raquel: É, Gabi, e o nosso último episódio é sobre isso, é sobre reparação. Esse tema tá diretamente relacionado com o presente e com o futuro. E não é por acaso que ele tá no centro da pauta de muitas lutas e iniciativas de justiça social e racial que acontecem até hoje na África e em toda a diáspora.

- Gabi: Sim, e é por isso que hoje, em vez de começar em algum país da África, a Raquel vai abrir o episódio na Europa. Num lugar bem simbólico de uma nação colonizadora.

- Raquel: Verdade. E bom, caso alguém ainda não saiba, esse é o Tramas Coloniais. Pra abrir esse episódio final, eu vou te levar pro país onde eu moro: a Alemanha.

[MÚSICA]

[JANAÍNA OLIVEIRA]

Episódio 7: É possível lembrar de um outro jeito?

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Raquel: Hi. Can I have two tickets?
- Atendente: Sure. Which exhibition?
- Raquel: I would like to go to the African exhibition.
- Atendente: Oh, for those you don't need any tickets.
- Raquel: Ah, ok!

[RAQUEL]

Essa exposição que eu visitei em Berlim era gratuita, mas essa não é bem a regra por aqui. Os museus europeus faturam até hoje milhões de euros todo ano exibindo artefatos da África, muitos deles objetos sagrados. É assim com o Louvre em Paris, com o Museu Britânico em Londres, e com esse museu que eu fui visitar em Berlim em agosto de 2024: o Humboldt Forum. Ali dentro tão por volta de 75 mil objetos provenientes de países africanos.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Raquel: Tô caminhando pelo hall de entrada do Humboldt Forum, que é um dos maiores e mais novos museus de Berlim. Ele foi inaugurado em 2021, começou a ser construído em 2013, e ele foi pensado como um museu de culturas do mundo, um museu universal, um desses museus que tem um piso para as Américas, um piso para a Ásia, um piso para a África, e onde são exibidos muitos artefatos que foram ou roubados, ou pilhados, ou cuja proveniência ainda está sendo debatida, ainda está sendo discutida.

[RAQUEL]

É um megalomaniaco centro cultural com um gigantesco museu etnológico bem no centro da capital alemã. O edifício é uma reconstrução do Palácio de Berlim, que foi a residência principal da dinastia dos Hohenzollern, à qual pertenceu o último imperador da Alemanha, o Guilherme II, que abdicou em 1918. O palácio foi praticamente destruído pelos bombardeios na Segunda Guerra Mundial, e deu lugar a um prédio moderno nos anos 70 que foi sede do Parlamento da Alemanha

Oriental. Esse prédio moderno foi demolido, e em 2013 começou a reconstrução do Palácio de Berlim original, que hoje abriga o Humboldt Forum.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Raquel: Então foi investido muito dinheiro em recuperar essa história imperial, essa história colonial, e é muito curioso e muito irônico que justamente em um período, em uma década, em que a gente está discutindo tanto questões de restituição e de reparação, um edifício como esse tenha sido propositalmente reconstruído para recuperar essa memória colonial e imperial, e dentro dele todos esses itens que, de uma certa forma, são relacionados a esses momentos históricos. E o Humboldt Forum também tem uma tradição de ser muito crítico em relação a essa memória. Por exemplo, aqui na entrada, no hall de entrada tem uma exibição sobre o antigo Parlamento da República Democrática Alemã, falando sobre a demolição do prédio anterior, sobre a construção desse prédio. Mas ainda assim essas questões permanecem, né?

[RAQUEL]

É claro que eu tava ali pra ver a exibição sobre a África, que ocupa metade do segundo andar. Ali ficam os Bronzes de Benin. É sobre esses bronzes que eu quero conversar com você. Mas daqui a pouco eu te levo pra dentro do museu. Porque antes a gente precisa entender melhor esse debate sobre restituição e reparação.

[MÚSICA]

[GABI]

Reparação é uma espécie de termo guarda-chuva que engloba uma série de ações pra acertar as contas com o passado. Essas ações incluem correção, compensação ou reparação de erros e crimes históricos, especialmente no contexto colonial, que envolveram violação de direitos humanos e têm impactos profundos no presente. Esses impactos se manifestam de várias formas na vida das pessoas, como a gente mostrou nos episódios anteriores e ainda vai mostrar nesse. O Fórum Permanente dos Afrodescendentes, um organismo criado pela ONU com vários países signatários – incluindo o Brasil – tem a reparação como uma das principais pautas. Em novembro de 2023, a União Africana também se posicionou afirmando que a reparação é "um imperativo moral e jurídico enraizado nos princípios de justiça, direitos humanos e dignidade humana".

[ÁUDIO]

- Nana Akufo-Addo, presidente de Gana: Predictably, the question of reparation becomes a debate, only when it comes to Africa and africans.

[GABI]

Esse é o Nana Akufo-Addo, presidente de Gana, numa conferência na capital Accra em 2023, cobrando reparações financeiras pelo período de escravidão. O documento da União Africana faz diversas recomendações, incluindo a criação de um Fundo Global de Reparções e a restituição de artefatos culturais africanos adquiridos no contexto do colonialismo.

[RAQUEL]

Sobre esses artefatos, é bom lembrar que o acervo de um museu vai muito além do que é exibido ao público, né? Geralmente a gente só vê 10% do acervo. Então imagina o que significa uma instituição europeia guardar milhares e milhares de artefatos obtidos em circunstâncias violentas ou no mínimo suspeitas. Museus etnográficos e etnológicos, como o de Berlim que deu origem ao Humboldt Forum, surgem dessa pretensão colonial de colecionar, catalogar e sistematizar o que eles chamam de “os outros”. No episódio 2 a gente mencionou os missionários e os antropólogos. Muitos deles levaram pra Europa não só pessoas, como a gente viu no episódio 4 com aquela história horrível da Sara Baartman, lembra?

[ÁUDIO]

[Filme Vênus Negra]

- Apresentador: As she does the savage dance of Africa! (gritos da plateia)

[RAQUEL]

... mas também animais, plantas, objetos... qualquer elemento que pudesse demonstrar o exotismo e a riqueza daqueles países até então desconhecidos. Muitos desses museus foram fundados no período colonial e tão aí até hoje. O Museu do Homem em Paris, por exemplo, que fica bem pertinho da Torre Eiffel, surgiu em 1937, quando o Império Francês ainda tinha várias colônias na África.

[ÁUDIO]

[Museu do Homem]

- Apprêtez-vous à découvrir les origines de l'homme.

- Mais je suis quoi au fait un primate, un mammifère, unvertébré.

- Le haut du crâne se relâche.
- Australopittèque, neanderthal.

[RAQUEL]

As coleções do Museu do Homem foram herdadas do Museu Etnográfico de Trocadéro, fundado em Paris em 1878. Esse museu, assim como muitos outros que foram criados na Europa nessa mesma época, tentava dar um verniz científico pra evolução humana sob a ótica europeia. Porque é claro que no topo dessa evolução sempre tavam os europeus, enquanto os povos das colônias eram pintados como primitivos.

[MÚSICA]

[GABI]

Um dos fundadores do Museu Etnográfico de Trocadéro é um antropólogo francês chamado Ernest Hamy. Em 1890 ele publicou um livro sobre as origens desse tipo de museu, e ali ele enfatiza a necessidade de coletar artefatos das civilizações não europeias, incluindo instrumentos musicais, ferramentas, armas, símbolos religiosos e objetos do cotidiano. A preocupação era preservar objetos de culturas que tinham risco de desaparecer. Mas essa discussão, claro, vinha acompanhada de uma boa dose de eurocentrismo: as culturas não europeias precisavam ser "tuteladas" ou "protegidas", porque elas tavam numa posição de inferioridade em relação aos colonizadores. Assim nasce a ideia de que o museu etnográfico é uma espécie de repositório do patrimônio humano. Era tipo pegar a história do mundo e armazenar num galpão gigantesco na Europa.

[RAQUEL]

É claro que esse paradigma também foi questionado e combatido ao longo do tempo. Nas décadas de 1960 e 70, os africanos começaram a se organizar politicamente para cobrar a repatriação dessa herança material nos processos de libertação nacional. Hoje esse debate é muito forte em vários países, e daqui a pouco eu vou te mostrar isso na prática, dentro do Humboldt Forum. Mas antes eu quero trazer aqui pro episódio uma das vozes mais importantes nessa crítica às histórias coloniais narradas em museus e arquivos: a historiadora, cientista da computação e ativista queniana Chao Tayiana Maina.

[ENTREVISTA - CHAO TAYIANA]

Thank you very much. It's really a pleasure to be featured in this amazing and important series. My name is Chao Tayiana Maina, I am a historian working and primarily based in Nairobi, Quenia. I consider myself a historian by passion and a computer scientist by profession.

[RAQUEL]

Historiadora por amor, cientista da computação por profissão, e especialista em patrimônio africano, desenvolvendo um trabalho incrível com documentários, podcasts e várias ferramentas digitais, ela explica que a luta pela repatriação de objetos não começou agora. Começou assim que eles foram levados dos territórios africanos.

[ENTREVISTA - CHAO TAYIANA]

We do have evidence that from the moment that things were looted and taken they were demanded, you know. And so we are looking at a long history of restitution being something that Africans have talked about have fronted whether it's at the point of the looting and migration whether it's during different perspective periods of Independence whether it's after independence and now today.

[RAQUEL]

Mas pras instituições europeias, esse questionamento é bem mais recente. Ela admite que a gente vive hoje um momento positivo, com as instituições mais abertas à questão da restituição, mas... com quase um século de atraso.

[ENTREVISTA - CHAO TAYIANA]

But honestly it has taken far far far far too long. And by this context I mean we're looking at almost a hundred years right? So in the frame of how long it has taken I think for me as an African and someone who is coming to this subject in, you know, the 21st century, it's very hard to also make peace with why it has taken so long.

[RAQUEL]

É difícil pra uma mulher africana ficar em paz com essa demora tão grande, e a Chao cita uma frase do famoso escritor e ensaísta americano James Baldwin, um homem negro que foi um importante ativista pelos direitos civis.

[ENTREVISTA - CHAO TAYIANA]

And I'm paraphrasing it here, but he asks: How much time do you need? You need my grandmother's time? You need my time? You need my child's time? You know?

[RAQUEL]

De quanto tempo você precisa? O tempo da minha avó? O meu tempo? O tempo da minha filha?

[MÚSICA]

[RAQUEL]

Vamos voltar pro Humboldt Forum, eu vou te levar pro andar onde ficam os bronzes de Benin. Vou falar um pouquinho mais baixo porque agora a gente tá dentro de um museu.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Raquel: Acabei de entrar no segundo andar, onde ficam as coleções da África. Na verdade, também ficam as coleções de Oceania e Américas. E logo aqui na entrada tem uma exibição introdutória, que chama Questões de Perspectiva, que traz toda essa crítica que o museu vai fazer em relação à sua própria colonialidade, ou que ele vai tentar fazer em relação à sua própria colonialidade. Tem um letreiro enorme na entrada dizendo: Eu tenho uma maneira de ver o mundo branca e eu tenho uma moldura de referência branca.

[RAQUEL]

Essa exibição introdutória tinha itens de Camarões e da Namíbia, com fotos, livros, esculturas... mostrando como colonizadores e colonizados enxergam um ao outro, tanto antes como depois do período colonial. Tem uma preocupação do museu de identificar e indicar a proveniência de cada peça...

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Raquel: Mas por mais que tenha essas indicações de proveniência, essa e todas as outras exposições são muito cheias de textos que são bem difíceis de entender. Por exemplo, nesses objetos que têm mais destaque na exposição, tipo o trono do Njoia, tem algumas informações mais específicas sobre a proveniência, mas se você passeia pela exposição e vai ver os outros objetos, tem nomes e datas só de compra, venda, depois números de referência, de registro dessas peças no museu. Não dá para entender muito bem o movimento desses objetos. E não dá para entender

muito bem em que circunstâncias eles foram comprados, quem eram essas pessoas que compraram, só tem o nome da pessoa...

[RAQUEL]

É uma coisa meio pra inglês, ver, sabe? Se você não tem um guia pra te explicar, fica difícil entender de onde vem cada objeto. E falando nesses objetos, agora a gente finalmente vai chegar no lugar onde ficam os Bronzes de Benin. Oficialmente eles não pertencem mais à Alemanha e foram restituídos pra Nigéria.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Raquel: Agora eu estou caminhando pela exibição do Benin, que se chama “Benin, passado e presente”, que está muito focada nos Bronzes de Benin. Aqui devem ter em exibição mais ou menos uns 20 objetos que são geralmente chamados de Bronzes de Benin.

[MÚSICA]

[RAQUEL]

O Reino do Benin foi um estado poderoso na África Ocidental que se articulou no século 12. Esses bronzes são esculturas e placas de metal, aliás nem todas de bronze. Elas foram feitas entre os séculos 14 e 17 por encomenda dos reis - ou obás - pra decorar o palácio real. Em 1897, o vice-cônsul britânico James Robert Phillips liderou uma missão pra negociar com o obá do Benin. Mas isso foi três anos depois da Conferência de Berlim, aquela em que os europeus supostamente fatiaram o território africano, lembra? Sabendo disso, os guerreiros do Obá preparam uma emboscada. Eles mataram o vice-cônsul e toda a sua caravana. Um mês depois, veio uma retaliação feroz dos britânicos, com metralhadoras e armas de longo alcance pra limpar as matas, incendiar as casas e neutralizar a resistência africana. O obá e alguns súditos conseguiram escapar, mas os invasores tomaram o reino e saquearam o palácio. Os artefatos foram enviados pra museus e coleções particulares na Europa e nos Estados Unidos. Em 1919, quinhentas e oitenta das duas mil e quatrocentas peças conhecidas do Benin tavam expostas no Museu Etnológico de Berlim - aquele que deu origem ao Humboldt Forum. No início dos anos 2000, a Nigéria passou a tentar ativamente a repatriação dos bronzes. Os esforços se intensificaram a partir de 2010, quando o tema da devolução de artefatos roubados passou a ser debatido com mais intensidade em vários países do

mundo. Em 2022, a Alemanha assinou um acordo pra devolver mais de 1.100 peças.

[ÁUDIO]

- Repórter: Thousands of bronze sculptures housed in this museum in Cologne now legally belong to Nigeria and will be returned there in stages in the next few years.

[RAQUEL]

Essa é uma reportagem da Deutsche Welle sobre a assinatura do acordo, com direito a um discurso da Ministra das Relações Exteriores da Alemanha, Annalena Baerbock, admitindo que foi errado manter os bronzes no país por tanto tempo.

[ÁUDIO]

- Annalena Baerbock: It was wrong to take the bronzes, it was wrong to keep them, to keep them for 120 years.

[RAQUEL]

Um ano depois, os primeiros bronzes chegaram à Nigéria. Mas a devolução completa é um processo longo. E como me disse a Chao Tayiana, a luta não é só pra transferir uma peça do porão de um museu pro outro.

[ENTREVISTA - CHAO TAYIANA]

Moving and object from one Museum basement to another Museum basement is essentially not the progress that we are asking for, you know? We really need to ask who is defining the terms of restitution. And by this I mean who is defining these terms? It will allow us to really unpack the motivations behind it. Because simply returning objects that you've held for 100 years does not absorb you of any responsibility that you have to this community without interrogating further how this loss has impacted these set communities.

[RAQUEL]

A questão é: quem tem esse poder de decidir como o processo é conduzido? Esse protagonismo sempre esteve na mão dos europeus, e a devolução não exime esses países de responsabilidade.

[ENTREVISTA - CHAO TAYIANA]

European institutions have to be willing to listen and they also have to be willing to, for the first time, not be the ones setting their agenda.

[RAQUEL]

As instituições europeias precisam aceitar que, pela primeira vez, não vão ser elas a definir a pauta. Os bronzes que tão ali no Humboldt Forum não pertencem mais à Alemanha, mas esse não é - ou pelo menos não deveria ser - o fim do processo.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Raquel: Em um primeiro momento, assim, quando você entra na exibição, a única maneira de saber que esses objetos não pertencem mais ao museu e que eles foram restituídos pra Nigéria, para os museus nigerianos, é um símbolo laranja que está na descrição de cada um dos objetos que foram restituídos, que diz que é um empréstimo dos museus nigerianos. Um simbolozinho laranja bem pequeno, assim.

[RAQUEL]

Cada peça tem uma descrição, dizendo de onde vem aquele objeto, a data em que ele foi esculpido...

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Raquel: ... e uma informação sobre quem coletou ele na Nigéria. A gente não sabe muito a história de violência e de roubo que está por trás da existência desses objetos aqui, né.

[RAQUEL]

A contextualização tá na sala seguinte.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Raquel: Depois dessa sala sobre o passado e o presente do Benin, tem uma outra sala sobre o futuro dos bronzes de Benin, que é uma sala onde não tem exposição de nenhum objeto. É uma sala bem ampla, com bancos e com várias televisões, onde a gente pode sentar e ouvir entrevistas de várias pessoas que estiveram envolvidas nesse processo de negociação da restituição dos bronzes de Benin. Professores, professoras nigerianas, diretores de museu, também o diretor do Museu Etnológico aqui de Berlim, que trabalha no Humboldt Forum. Mas também são entrevistas longas, que você tem que estar com muita vontade e atenção para sentar e entender o debate. Também tudo é explicado através de textos longos...

[RAQUEL]

Ou seja, tem uma preocupação clara do museu de reconhecer que esses objetos tão ali por causa do colonialismo, e que eles têm que ser devolvidos pros países de origem...

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Raquel: ... mas, da perspectiva de alguém que visita um museu, de um visitante, eu acho que é um pouco difícil entender todo esse movimento de restituição e por que ele é necessário, se você já não tem alguma informação a respeito, né.

[RAQUEL]

A mensagem que tá sendo passada ali é que a Alemanha já cumpriu o seu papel.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Raquel: Uma certa narrativa de que esse processo já está finalizado e de que o futuro está sendo construído ainda lá na Nigéria, mas que a parte dos alemães já foi feita. Tudo que poderia ser feito da parte dos colonizadores e das pessoas que reconhecem a importância de devolver e de reconhecer o que foi feito em relação a esses objetos já foi feito. Então, da parte da Europa uma história finalizada, da parte da Nigéria é um futuro que ainda está para ser construído.

[MÚSICA]

[GABI]

Quando a gente traz esse debate pro Brasil, dá pra citar dois exemplos recentes. Primeiro a coleção “Nosso Sagrado”, do Museu da República. Entre 1891 e 1946, 519 objetos foram apreendidos pela Polícia Civil do Rio de Janeiro em casas de umbanda e candomblé. Esse material ficou armazenado no depósito do Museu da Polícia Civil, com o nome pejorativo de “Coleção Magia Negra”. Depois de três décadas de reivindicações de líderes religiosos, esse acervo foi rebatizado de “Nosso Sagrado” e transferido em 2020 pro Museu da República, no Palácio do Catete.

[ÁUDIO]

[Documentário Respeita Nosso Sagrado]

- Mãe Meninazinha: Isso não é dela, não é meu, não é dele, isso é da religião afro-brasileira. (aplausos). E tava tudo preso na polícia como se tivesse cometido algum crime.

[GABI]

Essa é uma cena do documentário em curta-metragem “Respeita Nosso Sagrado”, da Quiprocó Filmes. Mãe Meninazinha de Oxum, que liderou a campanha de restituição, tá ao lado de vários líderes religiosos, enquanto os técnicos vão abrindo as caixas e mostrando os itens recuperados: são atabaques, fios de contas, roupas ritualísticas...

[ÁUDIO]

[Documentário Respeita Nosso Sagrado]

- (Pessoas cantando)
- Mãe Meninazinha: Respeite o nosso sagrado.

[GABI]

O outro exemplo foi a devolução recente de um manto tupinambá que ficou num museu da Dinamarca por mais de 300 anos. O item sagrado de 1 metro e 80, feito com penas vermelhas de guará, foi repatriado pelo Museu Nacional, vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro. O manto chegou ao Brasil no dia 11 de julho de 2024 e ficou dois meses armazenado no museu, sem a presença dos indígenas. Os tupinambás consideram o manto como um ser vivo, um ancião. Mas eles só conseguiram fazer a recepção num ritual em setembro.

[ÁUDIO]

- Potyra Tupinambá: O retorno desse nosso grande ancião quase 400 anos depois que ele foi levado daqui é dizer para todo mundo, pro Brasil inteiro, pro mundo todo, que nós estamos vivos.
- Canto tupinambá.

[GABI]

Essa é a advogada Potyra Tupinambá, num vídeo produzido pelo Ministério da Educação.

[RAQUEL]

A alegação do Museu Nacional era que eles precisavam fazer todos os procedimentos necessários pra preservação da peça antes de permitir o ritual dos tupinambás e abrir pra visitação do público. É um argumento parecido com o do Humboldt Forum, que mantém os Bronzes de Benin na Alemanha alegando que a Nigéria ainda não tem um lugar adequado pra exibir as peças, e com isso a preservação ficaria ameaçada. Antes de sair do Humboldt Forum, a gente vai dar uma passadinha de novo naquela exibição introdutória, porque ali tá o nosso próximo assunto. Um assunto que a gente já visitou nos episódios anteriores, você vai lembrar.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Raquel: Aqui em uma parte dessa exibição introdutória tem uma sessão dedicada só à Namíbia, em que eles falam do genocídio dos herero e dos nama, e que também a partir de 2019 pesquisadores alemães e namibianos decidiram entrar em conversas e colaborar para que muitos dos itens da Namíbia que estavam aqui no Museu Etnológico de Berlim, que agora é o Humboldt Forum, fossem devolvidos. E o texto dessa exibição diz que nela não tem nenhum objeto, só tem um filme falando sobre como foi esse processo de devolução dos itens namibianos que estavam na Alemanha para a Namíbia. E agora vou parar para assistir um pouquinho o filme.

- [Trecho do filme em alemão]

[MÚSICA]

[RAQUEL]

A gente já volta. Mas antes... se você gosta de boas histórias e boas conversas, ouve esse recado.

[ANÚNCIO DO PODCAST FIO DA MEADA]

[RAQUEL]

Agora que você ouviu a dica do Fio da Meada, vamos voltar pro episódio, pra falar sobre a memória do genocídio na Namíbia. A Gabi vai te explicar essa história.

[GABI]

Até o fim do século 19, dois povos ocupavam a Namíbia e dominavam a política local. No Norte e no Centro do território, viviam os herero, que se movimentavam

com seus rebanhos em busca de pastagens frescas e água. No Sul e no Sudoeste ficavam os nama - ou namaqua - que também eram pastoris, mas se envolviam com o comércio e a agricultura de subsistência. Ao longo do século 19, esses dois povos entraram em conflito algumas vezes, mas sempre respeitando a autoridade um do outro.

[ÁUDIO]

Efeito de escrita no papel.

[CAIO SANTOS]

Essa terra seca é conhecida por dois nomes apenas: Hereroland e Namaland. Hereroland pertence à nação herero e é um reino autônomo. Namaland pertence a todas as Nações Vermelhas, e estas também são reinos autônomos - assim como se diz dos países do homem branco, a Alemanha e a Inglaterra.

[GABI]

Essa é uma carta escrita em 1890 por Hendrik Witbooi, o líder de um dos mais poderosos grupos nama, endereçada ao chefe Maharero, que comandava os herero. Naquele momento os colonos alemães começavam a ampliar o seu domínio na região.

[CAIO SANTOS]

O que você fez agora, entregando-se ao governo dos brancos, pensando que foi sabiamente planejado: isso será para você como carregar o sol nas costas. Duvido que você tenha considerado bem, ou compreendido totalmente o que significa se render à proteção alemã. Duvido que você e sua nação Herero entenderão as regras e leis e métodos desse governo, e os aceitarão em paz e contentamento por muito tempo.

[GABI]

A carta foi profética. Depois de vários acordos não cumpridos, em 1904 houve uma rebelião dos herero contra o domínio colonial alemão. Quem liderou a revolta foi Samuel Maharero, filho daquele chefe que tinha recebido a carta do líder Nama. As forças coloniais foram pegas desprevenidas, e centenas de alemães foram mortos. A resposta foi avassaladora. Sob o comando do general Lothar von Trotha, os alemães promoveram um massacre. Primeiro com fuzilamentos, surras e enforcamentos. Depois com a fome e o envenenamento das fontes de água. Aí veio

o trabalho forçado nos campos de concentração, principalmente pras mulheres e pras crianças que sobreviveram. Um genocídio que eliminou cerca de 80% da população herero e 50% da população nama.

[MÚSICA]

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Som do aeroporto, atendente chamando para o embarque.

[RAQUEL]

Como você talvez lembre, em fevereiro de 2024 eu peguei um voo pra Windhoek, a capital da Namíbia.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Raquel: A gente tá na fila pra pegar o voo pra Windhoek, e todos os passageiros e passageiras são alemães muito muito brancos, vestindo com roupas... muitos deles, não todos, mas com roupas de safári, calça cáqui, jaqueta verde militar, botas. Não tem nenhuma pessoa negra neste voo, nenhuma. É como se a gente estivesse tomando um avião pra ir pra uma colônia praticamente, assim...

[RAQUEL]

Uma das pessoas que eu queria encontrar na Namíbia era o Nandiasora Mazeingo, o Nandi.

[ENTREVISTA - NANDIASORA MASEINGO]

Okay, yes, my name is Nandi. Nandiasora. Maseingo is my surname.

[RAQUEL]

Ele é fundador da Ovaherero Genocide Foundation, uma organização sem fins lucrativos que luta por reparação pros descendentes das vítimas do genocídio. Antes da entrevista, ele me convidou pra um almoço num restaurante de carnes, porque, como um bom herero, é assim que ele gosta de se alimentar.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Nandiasora no restaurante: But there were many strategies around extermination of the people.

[RAQUEL]

Ali no almoço ele já foi me contando um monte de coisas sobre o extermínio do povo dele.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Nandiuasora no restaurante: Because concentration camps, much as they were scaled up to industrial level in the European context, they were experimented here. It is here where they were started. There was a concentration camp here in Windhoek. There was a concentration camp in Okahandja. There was a concentration camp in Kariba. There was another big concentration camp in Warfish Bay, I mean, not Warfish, but Swakopmund. And then the biggest and most notorious of them all was on Shark Island, Lutheranism. Because that was not even a concentration camp. It was a death camp.

[RAQUEL]

Não vai dar pra ouvir perfeitamente o que ele diz porque a gente tá no restaurante. Mas ele me explicou que os campos de concentração alemães foram testados ali na Namíbia com os herero e os nama, antes de serem ampliados em nível industrial na Europa. Tinha campo de concentração em Windhoek, em Swakopmund, e o mais notório de todos ficava em Shark Island, uma pequena ilha no litoral de Luderitz. Esse lugar serviu de modelo pros campos nazistas do Holocausto. Um lugar que o Nandi chama de “campo da morte”.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Nandiuasora no restaurante: Because that was not even a concentration camp. It was a death camp.

[RAQUEL]

Depois a gente gravou uma entrevista, sem o barulho do restaurante, e o Nandi me contou que os herero sobreviventes do genocídio ficaram submetidos às leis que controlavam a vida de todos os negros da Namíbia. Africanos com mais de 8 anos tinham que usar uns passes metálicos, com a coroa imperial, o distrito e um número de trabalho. Eles não podiam ser donos de terra ou de gado, ou seja, não podiam mais fazer o que sempre fizeram.

[ENTREVISTA - NANDIUASORA MASEINGO]

This was clear. So we owned nothing. And that was never returned to us. And then we were crammed into what they call little native reserves. And that was just basically meant for us to serve as a pool of cheap labor for the colonial economy.

[RAQUEL]

Como ele diz, nunca houve qualquer tipo de reparação pelo genocídio ou pelo trabalho forçado. Uma demanda que se arrasta por várias gerações.

[ENTREVISTA - NANDIUSORA MASEINGO]

Really, this struggle is one that our people have carried across many generations. Probably since they left the concentration camps and realized that their lands have been stolen for good. And so it has always been a talk to say that we need to demand our land back.

[RAQUEL]

Exigir as terras de volta e as reparações é o que motiva o Nandi. A fundação dirigida por ele é uma espécie de braço da chefia tradicional dos herero, que recentemente adotou uma nova Constituição tendo como pontos centrais a justiça restaurativa e a memória do genocídio.

[ENTREVISTA - NANDIUSORA MASEINGO]

So the Herero Traditional Authority also recently adopted a new constitution. And in that constitution, a whole new department responsible for restorative justice and genocide issues was created. And so it was created under what is called an executive commission, which is headed by a director general, all together with 11 or so departments. So there is one department now dealing with the issues that I deal with at the foundation. And that department is now the mother, sort of the overseer, the regulator of all the work that the foundation does.

[RAQUEL]

Essa insistência vem de mais de um século. Em 1915, no começo da Primeira Guerra Mundial, as Forças Armadas da África do Sul, sob comando britânico, invadiram a Namíbia e derrotaram o tão aclamado exército alemão. As autoridades coloniais começaram a reunir informações pra justificar que o Império Britânico tomasse as colônias da Alemanha. Isso não foi tão difícil, porque a população herero colaborou com depoimentos, e o governo alemão tinha documentado todo o processo de domínio, incluindo a violência brutal e os campos de concentração. Esse material

resultou em um dos documentos mais chocantes da história colonial, publicado em Londres em 1918: o “Relatório sobre os nativos da África do Sudoeste e seu tratamento pela Alemanha”. Ou como ficou conhecido: o livro azul. Nas décadas seguintes, houve uma série de idas e vindas políticas, e o livro chegou a ser banido por pressão dos colonos alemães que permaneceram ali. Depois da Segunda Guerra, em 1946, a Namíbia se tornou uma colônia da África do Sul, e permaneceu sob o regime do Apartheid até a independência em 1990. Durante esse período, a campanha por reparação teve reviravoltas. Ela começa de forma intensa, depois é sufocada com violência, até que em agosto de 1999, o chefe supremo dos Herero, Kuaima Riaruako, anuncia a intenção de fazer uma acusação formal de genocídio no Tribunal Internacional de Justiça em Haia. O caso não chegou a ser levado ao tribunal, mas abriu a porta pra outras medidas judiciais, incluindo dois processos nos Estados Unidos no início dos anos 2000 e uma outra tentativa em 2017. A Justiça americana permite ações por violação de leis internacionais, principalmente quando envolvem direitos humanos. A Alemanha alegou que o tribunal americano não tinha jurisdição pra cuidar do caso, e no fim das contas, as ações foram rejeitadas. Mesmo assim, a repercussão foi muito importante pra gerar consciência e abrir diálogos políticos com os alemães.

[ENTREVISTA - NANDIUSORA MASEINGO]

We find those lawsuits to have been very important and to have been huge victories for us.

[RAQUEL]

O Nandi lembra que no início a Alemanha não admitia sequer conversar, muito menos discutir o assunto judicialmente. O movimento não só conseguiu o diálogo como levou os alemães pro tribunal.

[ENTREVISTA - NANDIUSORA MASEINGO]

Because the Germans initially were not, they were refusing to even talk. We dragged them to court. They are in court.

[RAQUEL]

E no caso dos herero, essa advocacia pela memória e pela reparação não se limita ao âmbito das grandes instituições jurídicas e políticas. Pra te mostrar isso, eu vou trazer de volta uma pessoa que você já ouviu aqui nos últimos episódios.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Laidlaw: I'm a descendant of the survivors of the genocide and also my great-grandmother was also a survivor of the concentration camps.

[RAQUEL]

Esse é o Laidlaw Peringanda, que assim como o Nandi, é descendente dos herero que escaparam do genocídio. A bisavó dele é sobrevivente de um campo de concentração. Nos outros episódios o Laidlaw me acompanhou em alguns lugares da cidade de Swakopmund: a gente falou sobre a loja de antiguidades, ele me levou pra conhecer o cemitério... mas hoje a gente vai até o museu que ele criou, o Museu do Genocídio.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Laidlaw: So we need to preserve the history of our people for the future generation to know about it.

[RAQUEL]

Pra preservar essa memória, o Laidlaw promove aulas online com várias universidades e tenta inserir a história do genocídio no currículo escolar e nas atividades turísticas da cidade, como as visitas guiadas ao cemitério.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Laidlaw: We are also basically demanding some of the human remains in America, the American Museum of Natural History, some of the human remains of our people were taken there also...

[RAQUEL]

Agora ele também cobra a restituição de itens que tãem em museus na Europa e nos Estados Unidos. Já foram recuperados itens sagrados que foram roubados no período do genocídio e tavam num museu da Suíça. Teve uma descoberta recente de uma pesquisadora alemã que encontrou 300 crânios do povo herero na Alemanha.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Laidlaw: Two months ago a German researcher told me that she found around 300 skulls of our people, you know, human remains in Germany.

[RAQUEL]

A intenção é reunir cada vez mais evidências de que o genocídio aconteceu, porque muita gente insiste em negar até hoje. O Laidlaw fez uma parceria com arquitetos forenses da Inglaterra que levaram até Swakopmund uma ferramenta de radar pra escanear e encontrar as covas.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Laidlaw: There's a lot of German, you know, denialists who are staying in Swakopmund and claiming that there were no concentration camps, people were not enslaved, you know.

[RAQUEL]

A missão do Museu do Genocídio é reeducar essas pessoas. Swakopmund tem muitos habitantes que são descendentes diretos dos alemães responsáveis pelo massacre, então não interessa pra eles revelar esse lado da história. O Laidlaw tem dificuldade até pra registrar os projetos, porque essas pessoas não aceitam.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

And some of them are descendants of the perpetrators. So actually they want to keep the history of Sokomo as a tourist destination but not the ugly history of, you know. So, but I think it's very important, you know, people to learn what really happened here, you know, 119 years ago.

[RAQUEL]

Cento e dezenove anos atrás. É uma luta constante contra uma amnésia colonial que passou por vários governos. Só em junho de 2021, Alemanha e Namíbia publicaram o resultado de seis anos de negociações para reparar crimes do colonialismo. Na declaração oficial, a Alemanha pediu desculpas pelo genocídio e prometeu pagar mais de 1 bilhão de euros ao longo de três décadas. Mas esse é um acordo contaminado pelos resquícios coloniais. Primeiro, tudo foi feito em sigilo, sem a participação das comunidades afetadas. Depois, ficou registrado que o dinheiro não é uma compensação, mas uma ajuda pro desenvolvimento, como se fosse uma caridade. E a cereja do bolo: apesar do pedido de desculpas pelo genocídio e a afirmação de que a Namíbia aceita essas desculpas, a declaração enfatiza que os crimes não constituíam genocídio de acordo com a perspectiva jurídica da época. Não por acaso, o documento não é reconhecido por boa parte da sociedade civil namibiana e pelos descendentes dos herero e nama. Ouvindo tudo

isso, imagina o quanto essa rotina é cansativa e interminável pra uma pessoa como o Laidlaw.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Laidlaw: Yeah, it is very tiring and... You know the level of poverty among Black people is because of the genocide and our land was expropriated.

[MÚSICA]

[RAQUEL]

Os efeitos do genocídio, como os índices de pobreza entre a população negra da Namíbia, tão aí até hoje. Por isso, quando a gente fala em reparação, não é só de reconhecimento e de compensação financeira que a gente tá falando. Isso é o mínimo. Reparar também significa garantir que essas atrocidades jamais sejam repetidas. Significa oferecer reabilitação física e psicológica pros descendentes das vítimas. Significa uma revisão radical na maneira como os países colonizadores produzem memória. É o que você tem ouvido desde o início aqui no podcast: é fundamental questionar o tempo todo como a gente pesquisa e como a gente escreve a história. Mais que isso: quem pesquisa e quem escreve a história.

[ENTREVISTA - MARTHA AKAWA]

In Africa we have a saying that until the lion has its own historians, the hunter will always be the victor.

[RAQUEL]

O ditado africano diz: enquanto o leão não tiver os seus próprios historiadores, o caçador sempre vai ser o vitorioso. E quem cita o ditado é uma historiadora muito importante que eu também encontrei na Namíbia.

[ENTREVISTA - MARTHA AKAWA]

Thank you for coming. My name is Martha Akawa, I'm a historian, I'm a namibian historian, I've studied history.

[RAQUEL]

A Martha Akawa dirige o departamento de História, Geografia e Estudos do Meio Ambiente na Universidade da Namíbia. Ela participou de uma série de iniciativas voltadas à crítica e à revisão do passado colonial. A minha ideia era a gente

conversar sobre a participação dela nesses projetos de reparação. Mas ela me ajudou a entender que não faz muito sentido falar de tudo isso sem reforçar a importância da tradição oral pra grande maioria das sociedades africanas. Então é claro que todas essas evidências materiais... os textos escritos, os objetos, os bronzes de Benin, as cartas como a que o líder nama enviou pro chefe dos herero... tudo isso é muito importante. Mas a gente também precisa considerar a fala, a palavra, as músicas, a história que é transmitida oralmente de geração pra geração.

[ENTREVISTA - MARTHA AKAWA]

I would want to look at discrediting oral history in oral tradition as a western strategy to discredit how we produce knowledge.

[RAQUEL]

Pra Martha, o descrédito da história oral é uma estratégia do Ocidente pra desvalorizar a maneira como os africanos produzem conhecimento. A Europa, como a gente viu aqui em todos os episódios, sempre quer ter o monopólio dessa produção.

[ENTREVISTA - MARTHA AKAWA]

And I want to extend it to the issue of sources and where those sources are...

[RAQUEL]

Sobre essa questão das fontes de pesquisa, ela lembra que as fontes escritas e materiais são muito mais valorizadas que as orais. E dá um exemplo bem prático: se um pesquisador tá em busca de um financiamento e diz que vai pra África pra pesquisar nos arquivos, ele consegue o dinheiro com muito mais facilidade do que se ele disser que tá indo conversar com as pessoas. Porque é assim que funciona a estrutura enraizada da produção de conhecimento.

[ENTREVISTA - MARTHA AKAWA]

It is a structure where knowledge production is rooted, and I think as Africans we need to disrupt that. So archives are not very instrumental in telling our stories as Africans because our stories did not find space in the archives in the first place.

[RAQUEL]

A Martha explica que os arquivos são importantes, mas não são as melhores fontes pra contar a história dos africanos. Porque a história dos africanos, pra começo de

conversa, nunca encontrou seu lugar nos arquivos. Então é mais do que compreensível que esse assunto das fontes mexa tanto com os historiadores do continente.

[ENTREVISTA - MARTHA AKAWA]

- Martha: It's very very very problematic for me as a historian so I get very passionate. I'm very sorry when I talk about archives.

- Raquel: Don't be sorry.

- Martha: very selective but not representative, because what is archive? In fact we need to start looking for what is not in archives.

[RAQUEL]

Nós precisamos começar a procurar o que não tá nos arquivos.

[MÚSICA]

[RAQUEL]

Com essa lição na cabeça, eu fiquei refletindo quando eu tava em Berlim, saindo do Humboldt Forum, depois de ver aquela infinidade de objetos, mas sabendo que tem muito mais história por trás daqueles registros.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Raquel: Bom, estou saindo agora das exposições permanentes. Acho que foram quase duas horas caminhando por todas elas. E a sensação, óbvio, é muito interessante ver todas essas peças, todos esses objetos e ter a oportunidade de aprender sobre várias coisas que algumas eu conhecia, outras não, né. Mas ainda assim, não deixa de ser algo ultrajante, por exemplo, ver barcos inteiros, casas inteiras em exposição que foram trazidas da Oceania ou peças de ouro da Colômbia, todos os bronzes de Benin, que eu acabei de visitar agora. E saber que, por mais que tenha esse metadiscorso sobre a responsabilidade dessa instituição, dos colonizadores, dos viajantes, dos geógrafos... Ter exposições em que se fala sobre o valor do futuro e sobre o que ele pode ser a partir dessa discussão da restituição, da reparação, não é necessariamente fazer algo nessa direção, né.

[RAQUEL]

Eu que hoje moro num país colonizador como a Alemanha, pra mim fica claro como tudo aquilo é um movimento necessário sim, mas também é algo calculado pra reparar a própria imagem dos colonizadores.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

Então, essa coisa meio esquizofrênica e meio calculada. Ao mesmo tempo, a gente quer manter a nossa memória, a gente não quer abrir mão dos significados que foram criados a partir dos nossos nacionalismos, dos nossos interesses, só que a gente também não quer ser visto como pessoas ruins, né, que não têm uma sensibilidade para a passagem do tempo. Então, é isso. Esse é o Humboldt Forum.

[MÚSICA]

[RAQUEL]

É muito simbólico que a gente termine essa nossa jornada falando sobre o valor da oralidade, que é algo tão central na história africana, mas também é central pra isso aqui que a gente tá fazendo: um podcast, um conteúdo em áudio. Quando esse projeto foi pensado, eu e a Fernanda Thomaz, que idealizou o podcast comigo, a gente não queria só falar sobre história do colonialismo de uma maneira mais compreensível e democrática. A gente quis também fazer um experimento de produção de conhecimento, mesmo dentro das nossas limitações e das nossas visões. Um conhecimento que não fosse individual, que não fosse eurocêntrico... e que não fosse escrito. Na nossa profissão, a escrita ainda é o principal meio - se não o único meio - de publicar as pesquisas e ser reconhecido por isso. Isso pode parecer bem normal, porque afinal, é assim que funciona o mundo acadêmico, né? Mas se a gente conseguiu trazer você até aqui, você deve ter percebido que essa ideia de dividir a vida dos outros em fatias, em dicotomias, de fazer com que todo mundo siga o mesmo padrão no jeito e na forma de produzir conhecimento... isso também é uma ideia que tem a ver com o colonialismo. O que a gente tentou fazer foi um convite a uma história produzida de um jeito mais diverso. Com diversos atores, em diversos meios, em diversos lugares. E sempre mirando um futuro menos dicotômico, menos fatiado. Menos colonial.

[MÚSICA]

[RAQUEL]

Esse foi o Tramas Coloniais, um podcast sobre a história do colonialismo, com o olhar voltado pro centro do mapa: a África. Obrigada a Gabi por ter me acompanhado na condução dos episódios.

[GABI]

Obrigada, Raquel, foi uma experiência incrível.

[RAQUEL]

E obrigada a você, que escutou e refletiu junto com a gente. Até a próxima.

[MÚSICA]

Virada para o tema dos créditos.

[CRÉDITOS]

Antes dos créditos, um convite: dá uma passada no nosso site, tramascoloniais.com.br. Lá tem um monte de conteúdo extra, com fotos e vídeos das coisas que você ouviu aqui, tem dicas de livros, dá pra mergulhar ainda mais no tema. E busca aí por Tramas Coloniais no instagram, no tiktok, no Bluesky e no X. Se você ouve no Spotify, dá pra avaliar com as estrelinhas e deixar um comentário, isso ajuda o conteúdo a chegar pra mais gente.

Eu sou o Rodrigo Alves, eu escrevi os roteiros e fiz a direção geral do podcast, que é uma realização da produtora Escuta Aqui, com apoio do Instituto Max Planck de História e Teoria do Direito, Departamento Regimes Históricos de Normatividade.

A idealização é da Raquel Sirotti e da Fernanda Thomaz.

As duas fizeram as pesquisas e as entrevistas, com o auxílio do Mauro Manhanguê, da Karolyne Mendes e da Bianca Silva. A Raquel faz a produção e, como você já sabe, apresenta o podcast, acompanhada pela Gabriela Montoni.

Na hora de anunciar o título do episódio e nas leituras adicionais, você ouve as vozes da Janaína Oliveira e do Caio Santos.

A assistência de roteiro é da Gabriela Montoni e do Thales Ramos. Gravações de campo e fotografias foram feitas pelo Marcelo Londoño.

A Clara Costa é responsável por toda a edição e pelo desenho de som, com assistência da Giovanna Orsini. A trilha sonora é original, composta pelo Gabriel Falcão.

Raquel e Gabriela gravaram as locuções no Estúdio Rastro, no Rio de Janeiro, com a supervisão técnica do Danny Dee. E a gente também teve uma consultoria de locução do Tiago Rogero, autor do incrível Projeto Querino.

A identidade visual e as capas dos episódios foram feitas pela artista Mayara Ferrão, procura ela aí no instagram na @ verdadetropical. O site foi desenvolvido pela Mariana Tavares. E a estratégia de distribuição e redes sociais é da Emily Sabino.

Eu espero que você tenha gostado. Conta pra gente! E espalha por aí! Obrigado, e até a próxima!

[FIM DO EPISÓDIO]

Tramas Coloniais é um podcast documental em sete episódios, com realização da produtora Escuta Aqui, e apoio do Instituto Max Planck de História e Teoria do Direito, Departamento Regimes Históricos de Normatividade.

Em tramascoloniais.com.br você pode se aprofundar no conteúdo dos episódios, com fotos, vídeos, entrevistas, indicações de livros e bastidores da produção. Você também encontra a gente buscando por Tramas Coloniais no Instagram, no TikTok e no Bluesky.

A idealização do podcast é da Raquel Sirotti e da Fernanda Thomaz.

As pesquisas e as entrevistas são da Raquel e da Fernanda, com o auxílio do Mauro Manhanguete, da Karolyne Mendes e da Bianca Silva. A Raquel faz a produção e apresenta o podcast, acompanhada pela Gabriela Montoni. As locuções adicionais são da Janaína Oliveira e do Caio Santos. As gravações de campo e as fotografias são do Marcelo Londoño.

A direção geral do podcast é do Rodrigo Alves, que sou eu, e eu também escrevo os roteiros. A supervisão dos roteiros é da Gabriela Montoni e do Thales Ramos.

A Clara Costa é responsável pela edição e pelo desenho de som. A assistente de edição é a Giovanna Orsini. A trilha sonora do podcast é original, composta pelo Gabriel Falcão. As locuções são gravadas no Estúdio Rastro, no Rio de Janeiro, com a supervisão técnica do Danny Dee. E a gente recebeu uma consultoria de locução do Tiago Rogero.

A identidade visual e as ilustrações são da artista Mayara Ferrão. O site foi desenvolvido pela Mariana Tavares. E a Emily Sabino cuida da distribuição e da produção nas redes sociais.

Você gostou do episódio? Conta pra gente nas redes, compartilha com quem você acha que vai gostar, espalha o conteúdo por aí, e muito obrigado pela escuta.